

As Ciências da Vida Frente ao **Contexto Contemporâneo**

**Denise Pereira
(Organizadora)**

Atena
Editora
Ano 2019



Denise Pereira
(Organizadora)

As Ciências da Vida Frente ao Contexto Contemporâneo

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C569 As ciências da vida frente ao contexto contemporâneo [recurso eletrônico] / Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (As Ciências da Vida Frente ao Contexto Contemporâneo; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-230-2

DOI 10.22533/at.ed.302190204

1. Ciência. 2. Ciências da vida – Pesquisa – Brasil. I. Pereira, Denise. II. Série.

CDD 570.9

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Falar de ciências no contexto contemporâneo, é questionar vários princípios e propostas, é deixar de lado o “paradigma dominante” que é o modelo de ciência do passado, caracterizado pela luta apaixonada contra todas as formas de dogmatismo e autoridade. É observar e analisar a necessidade do homem de uma compreensão mais aprofundada do mundo, bem como a necessidade de precisão para a troca de informações, que acabam levando à elaboração de sistemas mais estruturados de organização dos diversos tipos de conhecimentos.

Aqui se observa a ciência da vida como forma de conhecimento que é compreendida num sentido mais específico, com aprimoramento do estudo acadêmico, refletido a teoria e prática das áreas da saúde em geral.

Neste compilado de conhecimentos, foram realizados e definidos de maneiras diferentes pelos diversos autores que se lançam a tarefa de refletir sobre a “As ciências da Vida frente ao Contexto Contemporâneo”, algumas definições são bastante semelhantes, outras levantam algumas diferenças. .

Boa leitura

Denise Pereira

SUMÁRIO

| | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| A CONTRIBUIÇÃO DAS METODOLOGIAS ATIVAS NA MONITORIA ACADÊMICA | |
| Tamara Braga Sales Francisco Antonio Carneiro Araújo Rosalice Araújo de Sousa Albuquerque Francisca Alanny Araújo Rocha | |
| DOI 10.22533/at.ed.3021902041 | |
| CAPÍTULO 2 | 7 |
| A MONITORIA EM FORMA DE GRUPOS DE ESTUDOS DIRIGIDOS: UM ENSAIO PARA A DOCÊNCIA | |
| Gabriel de Castro Castelo Amanda Lopes de Castro Maria Goretti Policarpo Barreto | |
| DOI 10.22533/at.ed.3021902042 | |
| CAPÍTULO 3 | 11 |
| ABORDAGEM CENTRADA NO ALUNO: A EMPATIA E A ACEITAÇÃO ENQUANTO FERRAMENTAS FACILITADORAS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM | |
| Iuri Araújo Pimentel Liliane Brandão | |
| DOI 10.22533/at.ed.3021902043 | |
| CAPÍTULO 4 | 17 |
| ALIMENTAÇÃO ESCOLAR OFERECIDA AOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DO ESTADO DO CEARÁ: AVALIAÇÃO DE MICRONUTRIENTES | |
| Daniele de Araújo Oliveira Carlos Lisidna Almeida Cabral | |
| DOI 10.22533/at.ed.3021902044 | |
| CAPÍTULO 5 | 23 |
| ANÁLISE DA PREVALÊNCIA DE VITIMIZAÇÃO DE BULLYING ENTRE MENINOS E MENINAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DA CIDADE DE FORTALEZA | |
| Lara Ximenes Barreto Mayara Custódio Pereira Luana Freitas Pinto Luana Elayne Cunha de Souza | |
| DOI 10.22533/at.ed.3021902045 | |
| CAPÍTULO 6 | 31 |
| ATIVIDADE FÍSICA NA PRÉ-ESCOLA: CAMPO DE AÇÃO PARA PROMOÇÃO DA SAÚDE | |
| Marcos Kayro Lopes Pontes Eduardo de Lima Melo Valmir Arruda de Sousa Neto | |
| DOI 10.22533/at.ed.3021902046 | |

| | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| CAPÍTULO 7 | 42 |
| AVALIAÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DO ESTUDANTE DE MEDICINA NA MONITORIA DO MÓDULO DE MECANISMOS DE AGRESSÃO E DEFESA | |
| Yuri Torres Guimarães | |
| Maria Clara Machado Borges | |
| Kaynan Bezerra de Lima | |
| Adriane Macêdo Feitosa | |
| Emanuelly Thays Muniz Figueiredo Silva | |
| Sílvia Fernandes Ribeiro da Silva | |
| Márcio Roberto Pinho Pereira | |
| DOI 10.22533/at.ed.3021902047 | |
| CAPÍTULO 8 | 49 |
| CONTRIBUIÇÃO DA MONITORIA DE QUÍMICA DOS ALIMENTOS PARA O APRENDIZADO DA DISCIPLINA | |
| Danilo Silva Alves | |
| Brenda da Silva Bernardino | |
| Bruna Rodrigues de Araújo Marques | |
| Raquel Sombra Basílio de Oliveira | |
| DOI 10.22533/at.ed.3021902048 | |
| CAPÍTULO 9 | 54 |
| CONTRIBUIÇÃO DA MONITORIA PARA A FORMAÇÃO ACADÊMICA DO MONITOR: RELATO DE EXPERIÊNCIA | |
| Ana Raquel Teixeira Vasconcelos | |
| Paulo Ayslen Nascimento de Macêdo | |
| DOI 10.22533/at.ed.3021902049 | |
| CAPÍTULO 10 | 58 |
| CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DO ESTÁGIO CURRICULAR EM FARMÁCIA HOSPITALAR | |
| Arlandia Cristina Lima Nobre de Moraes | |
| Geysa Aguiar Romeu | |
| Regina Cláudia de Matos Dourado | |
| Sandra Maria Rocha | |
| DOI 10.22533/at.ed.30219020410 | |
| CAPÍTULO 11 | 65 |
| DESENVOLVIMENTO DE PALAVRAS-CRUZADAS COMO METODOLOGIA LÚDICA DE ENSINO DA FARMACOLOGIA | |
| Renan Pereira de Lima | |
| Inara Loiola de Araújo | |
| Arlandia Cristina Lima Nobre de Moraes | |
| DOI 10.22533/at.ed.30219020411 | |
| CAPÍTULO 12 | 71 |
| DIAGNÓSTICOS DE ENFERMAGEM COM MAIOR PREVALÊNCIA EM PACIENTES COM INSUFICIÊNCIA CARDÍACA: REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA | |
| Eglantine de Fatima Bandeira Feitosa | |
| Deborah Lyssa Sousa de Oliveira | |
| Kiarelle Lourenço Penaforte | |
| DOI 10.22533/at.ed.30219020412 | |

| | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| CAPÍTULO 13 | 78 |
| IMPORTÂNCIA DA MONITORIA DE HISTOLOGIA E EMBRIOLOGIA COMO INSTRUMENTO FAVORECEDOR DA DISCIPLINA | |
| Bruna Rodrigues de Araújo Marques | |
| Brenda da Silva Bernardino | |
| Danilo Silva Alves | |
| Larissa Moraes Ribeiro da Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.30219020413 | |
| CAPÍTULO 14 | 84 |
| INTERESSE DOS ALUNOS DO CURSO DE NUTRIÇÃO PELO PROGRAMA DE MONITORIA | |
| Tatyane Costa Lima | |
| Carolinne Reinaldo Pontes | |
| DOI 10.22533/at.ed.30219020414 | |
| CAPÍTULO 15 | 90 |
| INTERVENÇÃO DA MONITORIA NO PROCESSO DE INTEGRAÇÃO DOS ALUNOS | |
| Tainá Bezerra Rodrigues | |
| Ralciney Márcio Carvalho Barbosa | |
| Monica Helena Neves Pereira Pinheiro | |
| Diane Nocrato Esmeraldo Rebouças | |
| DOI 10.22533/at.ed.30219020415 | |
| CAPÍTULO 16 | 97 |
| MONITORIA NA MÍDIA: O VÍDEO COMO FERRAMENTA DE ENSINO E APRENDIZAGEM | |
| Francisca Samila Mendes Carvalho | |
| Maria Gabriella Gomes de Abreu Azevedo | |
| Gabriela Souza Veloso Vitoriano | |
| Chrystiane Maria Veras Porto | |
| Marilene Calderaro Munguba | |
| DOI 10.22533/at.ed.30219020416 | |
| CAPÍTULO 17 | 105 |
| O “NIVELAMENTO” NA EDUCAÇÃO MÉDICA: ENSINANDO E APRENDENDO IMUNOLOGIA DE MANEIRA INOVADORA | |
| Daniel Araújo Kramer de Mesquita | |
| Sônia Leite da Silva | |
| Silvia Fernandes Ribeiro da Silva | |
| Maria Clara Machado Borges | |
| Márcio Roberto Pinho Pereira | |
| DOI 10.22533/at.ed.30219020417 | |
| CAPÍTULO 18 | 112 |
| PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DO PRIMEIRO E OITAVO SEMESTRES SOBRE O APRENDIZADO BASEADO EM PROBLEMAS E O GRUPO TUTORIAL | |
| Adriane Macêdo Feitosa | |
| Emanuelly Thays Muniz Figueiredo Silva | |
| Rejane Brasil Sá | |
| Rivianny Arrais Nobre | |

Sônia Leite da Silva
Silvia Fernandes Ribeiro da Silva
DOI 10.22533/at.ed.30219020418

CAPÍTULO 19 118

POTENCIALIDADES DO VÍNCULO MONITOR-ALUNO NO APOIO PEDAGÓGICO DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Jamile Carvalho Tahim
Hermens Linhares Martins
Sherida da Silva Neves
Virginia Maria Costa de Oliveira Guerra

DOI 10.22533/at.ed.30219020419

CAPÍTULO 20 123

PRÁTICAS EDUCACIONAIS ESCOLARES: CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

Rita de Cássia Ponte Prado
Marlla Rúbya Ferreira Paiva Passos
Morgana Magalhães da Penha

DOI 10.22533/at.ed.30219020420

CAPÍTULO 21 131

“O QUE VEMOS, NÃO É O QUE VEMOS, SENÃO O QUE SOMOS”: O DESVELAMENTO DE SI NO CONCEITO DE CONFISSÃO EM MICHEL FOUCAULT

Allan Ratts de Sousa
Ruth Arielle Nascimento Viana
Larissa Arruda Aguiar Alverne

DOI 10.22533/at.ed.30219020421

CAPÍTULO 22 137

O SER-PARA-OUTRO NA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL DE JEAN-PAUL SARTRE

Marcela Romero de Souza
Georges Daniel Janja Bloc Boris

DOI 10.22533/at.ed.30219020422

CAPÍTULO 23 144

CASOS CLÍNICOS COMO FERRAMENTA PARA APRENDIZAGEM: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Diane Sousa Sales
Fernanda Rochelly do Nascimento Mota
Glória Yanne Martins de Oliveira
Rodrigo Jacob Moreira de Freitas

DOI 10.22533/at.ed.30219020423

SOBRE A ORGANIZADORA 150

“O QUE VEMOS, NÃO É O QUE VEMOS, SENÃO O QUE SOMOS”: O DESVELAMENTO DE SI NO CONCEITO DE CONFISSÃO EM MICHEL FOUCAULT

Allan Ratts de Sousa

Mestrando em Psicologia na Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-CE

Ruth Arielle Nascimento Viana

Mestranda em Psicologia na Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-CE

Larissa Arruda Aguiar Alverne

Doutoranda em Psicanálise na Universidade Estadual do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – RJ

RESUMO: Esse trabalho tem como objetivo uma articulação do conceito de confissão em Michel Foucault, elaborado em sua obra “História da sexualidade I: A vontade de saber”, de 1988, com a frase “O que vemos, não é o que vemos, senão o que somos”, de Fernando Pessoa, tentando perceber as mudanças ocorridas no entendimento social do conceito de confissão da Idade Clássica (por volta dos séculos XVI e XVII, aproximadamente) à Modernidade (especialmente nos séculos XVIII e XIX), tal qual o faz Foucault em sua obra. Entendemos que essa articulação nos permite pensar que o sujeito se constitui, constrói de si uma narrativa, no próprio ato de enunciação de sua verdade. Se antes tínhamos a confissão como a revelação de atos e pensamentos que iam de encontro aos ensinamentos da Igreja, passa-se, na Modernidade, a uma concepção de confissão como construtora de subjetividade,

que revela a essência do sujeito no seu próprio ato de falar a outrem sobre si. Se antes o sujeito era entendido como aquilo que se via dele, pensa-se agora o sujeito como sendo aquilo que é: o que ele fala de si mesmo no ato de confessar-se.

PALAVRAS-CHAVE: Confissão. Idade Clássica. Idade Moderna. Foucault. Subjetividade.

ABSTRACT: This work aims at articulating the concept of confession in Michel Foucault, elaborated in his 1988 book “History of Sexuality I: The Will to Know”, with the phrase “What we see is not what we see, but the that we are, “by Fernando Pessoa, trying to perceive the changes that occurred in the social understanding of the concept of confession of the Classical Age (around the sixteenth and seventeenth centuries, approximately) to Modernity (especially in the eighteenth and nineteenth centuries), as Foucault in his work. We understand that this articulation allows us to think that the subject is constituted, constructs of itself a narrative, in the very act of enunciation of its truth. If before we had confession as the revelation of acts and thoughts that went against the teachings of the Church, in Modernity it became a conception of confession as a constructor of subjectivity, which reveals the essence of the subject in his own act of speaking to others. If the subject was previously understood as that which was seen

of him, the subject is now thought of as what he is: what he speaks of himself in the act of confessing himself.

KEYWORDS: Confession. Classical Age. Modern age. Foucault. Subjectivity.

INTRODUÇÃO

O ato de conhecer, na Idade Clássica, por volta dos séculos XVI e XVII, aproximadamente, implicava explicitar uma ordem que já existia, como se o objeto do conhecimento fosse uma verdade pré-existente a ser encontrada no mundo. Na Modernidade, especialmente nos séculos XVIII e XIX, temos os saberes como construtivos, o que questiona uma idéia aceita de representação como ilustrativa da verdade do mundo e das coisas. O ser humano, dessa maneira, funda a possibilidade de conhecimento na própria busca desse conhecimento.

Essa discussão nos faz pensar numa frase de Fernando Pessoa, pela voz de seu heterônimo Bernardo Soares: **“O que vemos, não é o que vemos, senão o que somos”** (2018, p. 367). A partir dela, podemos refletir sobre algumas questões, depois de explorarmos as modificações do entendimento da confissão como prática da Idade Clássica, por volta dos séculos XVI e XVII, para a Modernidade, especialmente nos séculos XVIII e XIX.

METODOLOGIA

Para a produção da escrita desse texto, de fundamentação essencialmente teórica, fez-se imprescindível uma leitura sobre o conceito de confissão, especialmente em Michel Foucault, e uma explanação acerca de sua prática nos séculos XVI e XVII e seu desenvolvimento até a Modernidade, assim como de outros elementos conceituais que foram surgindo durante o desenvolvimento de nossa escrita. A partir daí, fez-se possível uma articulação com a ideia de pensar o sujeito a partir do que ele é, inquietação que surge de uma frase de Fernando Pessoa (2018) que nos propõe pensar o ser não a partir do que se vê dele, mas sim do que ele é, entendendo com Foucault que o que se diz de si, no ato de confessar, é o que se é. Para tanto, valemos dos seguintes textos: “História da sexualidade I: A vontade de saber”, de Michel Foucault, “Verdade, liberdade e sexualidade em *A vontade de saber: Uma análise das práticas de confissão como falar de si*”, de Pablo Severiano, e o poema 461 do “Livro do desassossego, de Fernando Pessoa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em “História da sexualidade I: A vontade de saber”, Michel Foucault (1988/2009) defende que, ao contrário do que se possa imaginar, a sexualidade, desde meados do século XVI, com ênfase maior no século XIX, com o advento das ciências humanas,

iniciou um processo de enunciação. Ela foi convocada a ser dita, externalizada, mesmo gritada pelas diversas instituições sociais (Igreja, Escola, Fábricas, etc.) que, ao invés de esconderem-na, exigem que ela se mostre, revele a verdade de si mesma, coloque-se em discurso: confesse! Esclarece o autor:

Não digo que a interdição do sexo é uma ilusão; e sim que a ilusão está em fazer dessa interdição o elemento fundamental e constituinte a partir do qual se poderia escrever a história do que foi dito do sexo a partir da Idade Moderna. Todos esses elementos negativos – proibições, recusas, censuras, negações – que a hipótese repressiva agrupa num grande mecanismo central destinado a dizer não, sem dúvida, são somente peças que têm uma função local e tática numa colocação discursiva, numa técnica de poder, numa vontade de saber que estão longe de se reduzirem a isso (FOUCAULT, 1988/2009, p. 18-19).

Em sua leitura do texto de Foucault, Benevides (2013) define a confissão como o “[...] laço entre o ocultamento do sexo e a extração de uma verdade, com o intuito de autenticar um ato de expressão da sexualidade como um ato de verdade [...]”. (BENEVIDES, 2013, p. 235) Disso decorre que confessar implica em dizer uma verdade, colocar em palavras aquilo que do sexo se esconde e que, por isso, esconde uma verdade do ser do próprio sujeito.

Foucault (1988/2009) explica que, antes, a penitência clássica visava confessar as infrações às leis do sexo, mas, a partir do século XVII, ela se pauta em dizer sobre ele mesmo, e dizer a outrem, sobre aquilo que do sexo se relaciona com o jogo dos prazeres. O autor esclarece ainda que, essencialmente, o que o século XVII fez foi estender a confissão a todo bom cristão, já que antes era restrita a uma elite mínima, pois a massa dos fiéis raramente frequentava a confissão. Dessa forma, democratiza-se o acesso a essa verdade que se formula quando de sua própria enunciação.

No plano da confissão cristã, esclarece-nos, o autor, se antes zelava-se pela discrição e encobrimento dos detalhes da realização do ato sexual, passa-se agora a exigir cada vez mais um exame de si mesmo, atribuindo-se cada vez mais importância, na penitência, “[...] a todas as insinuações da carne: pensamentos, desejos, imaginações, voluptuosas, deleites, movimentos simultâneos da alma e do corpo, tudo isso deve entrar agora, e em detalhe, no jogo da confissão e da direção espiritual” (FOUCAULT, 1988/2009, p. 25). A mudança dessa concepção do ato de confissão cristã pode ser descrito da seguinte maneira: “[...] entra em cena toda uma exigência de transparência, todo um conjunto de imperativos de expressividade, toda uma gramática da espontaneidade que recobrem a artificialidade, a invenção e a fabricação de si mesmo na confissão” (BENEVIDES, 2013, p. 248).

Foucault (1988/2009) defende que essa lógica se estendeu para além do espiritualismo cristão, alcançando outros mecanismos, sustentando a lógica de que mais do que julgá-lo, é preciso administrar o sexo para o bem comum. O que o autor tenta demonstrar em seu texto é que o sexo “exposto” era uma evidência de uma diversidade de dispositivos discursivos funcionando em diferentes instituições em

contraposição a um discurso unitário da Era Medieval. Com suas palavras:

Em vez da preocupação uniforme em esconder o sexo, em lugar do recato geral da linguagem, a característica de nossos três últimos séculos é a variedade, a larga dispersão dos aparelhos inventados para dele falar, para fazê-lo falar, para obter que fale de si mesmo, para escutar, registrar, transcrever e redistribuir o que dele se diz (FOUCAULT, 1988/2009, p. 40).

O autor argumenta que nossa civilização se vale de uma *scientia sexualis* para dizer a verdade sobre o sexo, através da confissão, que assume um papel central na ordem dos poderes civis e religiosos. Explica que a evolução da palavra confissão, que “[...] da ‘confissão’, garantia de *status* de identidade e de valor atribuído a alguém por outrem, passou-se à ‘confissão’ como reconhecimento, por alguém, de suas próprias ações ou pensamentos” (FOUCAULT, 1988/2009, p. 67). É a capacidade de falar a verdade de si mesmo que vai legitimar o sujeito em seu meio social, passando esta a ser uma nova estratégia de poder.

Foucault (1988/2009) defende ainda que a confissão passa a valer para diversas outras práticas e se manifesta em diferentes relações sociais: na justiça, na medicina, na pedagogia, nas relações familiares, nas relações amorosas, etc. O discurso agora é instrumento de poder nas mãos de quem detém o saber: o médico, o educador, o pedagogo, etc.

Confessa-se de forma espontânea ou imposta, mas confessa-se! Ela mesma, a confissão, nos faz esquecer que é fruto dessa coação de poder. Antes, era muito ligada à questão da penitência cristã. E se antes era restrita ao confessionário do sacerdote, agora ela encontra outras formas de extrair essa verdade do sujeito: interrogatórios, consultas, cartas, autobiografias, etc. Mais do que somente a verdade do sujeito, a confissão busca revelar a verdade que é oculta do próprio sujeito e que é inerente ao funcionamento do sexo (FOUCAULT, 1988/2009).

O autor problematiza que outra forma de poder sobre os corpos e seus prazeres é o crescimento das perversões, não como um tema moralizador, mas como produto da interferência de um tipo de poder através da definição de novas regras para esse jogo de poderes e prazeres. Foucault (1988/2009) reflete que, antes se pensava o libertino, passa-se a pensar agora o perverso, e dele deriva uma variedade de modalidades: exibicionista, fetichista, zoófilo, etc.

Não se trata de uma negação dessas diferentes modalidades classificatórias, mas de evidenciá-las, especificá-las, torná-las conhecidas. Para que se possa ter o controle sobre a sexualidade, é preciso conhecê-la nos ínfimos e sórdidos detalhes, e se valer do poder para usar mecanismos que tracem os caminhos trilhados por essas sexualidades que se manifestam.

O exame médico, a investigação psiquiátrica, o relatório pedagógico e os controles familiares podem, muito bem, ter como objetivo global e aparente dizer *não* a todas as sexualidades errantes ou improdutivas mas, na realidade, funcionam como mecanismos de dupla incitação: prazer e poder. Prazer em exercer um poder

que questiona, fiscaliza, espreita, espia, investiga, apalpa, revela; e, por outro lado, prazer que se abrasa por ter que escapar a esse poder, fugir-lhe, enganá-lo ou travestí-lo. Poder que se deixa invadir pelo prazer que persegue e, diante dele, poder que se afirma no prazer de mostrar-se, de escandalizar ou de resistir (FOUCAULT, 1988/2009, p. 52-53).

Tudo isso evidencia a distribuição do jogo dos poderes e prazeres (FOUCAULT, 1988/2009) que dinamizam as relações e fazem circular a necessidade de falar sobre aquilo que, condizente com a moralidade ou não, precisa se fazer conhecer.

A utopia da confissão estaria justamente na coincidência entre aquilo que se diz (a um Outro) e aquilo que se é, permitindo assim a reconciliação dessa utopia (BENEVIDES, 2013). Dessa forma, a confissão passa a servir de mecanismo de poder que visa regular as práticas sexuais através de sua colocação em palavras. Através da confissão,

[...] o indivíduo saberá quem é, poderá falar de si, expressar-se e prestar contas de si mesmo. Mediante isso, poderá reconhecer em tudo o que é feito, em tudo o que é dito, em tudo que é expresso, exposto, exteriorizado e exprimido, os tons familiares de si mesmo (BENEVIDES, 2013, p. 249).

A partir disso, pensemos então a seguinte frase de Fernando Pessoa: **“O que vemos, não é o que vemos, senão o que somos”** (2018, p. 367). Se o que vemos é o que somos e não o que (simplesmente) vemos, estabelece-se uma relação conflituosa entre o que se vê e o que se é, posto que vemos o que somos, não o que vemos. Se o que falamos através do ato da confissão é o que somos, e se no ato de confessar o sujeito expressa aquilo que ele é e desvela uma verdade sobre a sexualidade que é inerente à atividade sexual, passa a haver uma correspondência entre o que se fala e o próprio ato de falar de si. O que o outro escuta de nós passa a ser o que nós somos, nessa construção dialética em que podemos refletir acerca do que é visto de nós e aquilo que realmente somos. Se nós somos o que falamos em um ato de confissão a outrem, e construímos nossa verdade nesse processo de confessar, nós de fato não somos o que vemos ou mostramos (ou é visto de nós), mas o que falamos, o que construímos sobre nossa sexualidade, o que conseguimos elaborar de uma verdade de nós mesmos, que não está dada, posta no mundo, observável, mas precisa do outro para ser construída através da confissão.

Muitas vezes, o que vemos não é simplesmente o que vemos, posto que a verdade não está dada no mundo para ser simplesmente vista, ela se constrói no ato da confissão, que sendo uma fala nossa, que desvela nossa sexualidade, é o que somos. Não é querer ver e aquilo estar lá, posto, é preciso que se confesse, se diga algo da verdade disso que é tão externo e tão íntimo a nós, que é a sexualidade. Algo se projeta, então, no exterior, daquilo que é de dentro de nós, daí não vemos (que significaria que não é o que captamos do exterior) o que vemos, vemos (e sermos vistos) o que somos, pois o que captamos está nessa construção dialética externo/interno, fundada na concretização de uma verdade do ser, posta em palavras, a “ser

vista”.

CONCLUSÃO

Segundo Foucault, a confissão é “[...] um ritual onde a enunciação em si, independentemente de suas consequências externas, produz em quem a articula, modificações intrínsecas: inocenta-o, resgata-o, purifica-o, livra-o de suas faltas, libera-o, promete-lhe a salvação” (FOUCAULT, 1988/2009, p. 71), evidenciando uma nítida diferença entre a confissão na Era Clássica e na Modernidade, qual seja, a forma como ela passa a ser utilizada e manipulada como instrumento de poder:

[...] a instância de dominação não se encontra do lado do que fala (pois ele é pressionado) mas do lado de quem escuta e cala; não do lado do que sabe e responde, mas do que interroga e supostamente ignora. E, finalmente, esse discurso de verdade adquire efeito, não em quem o recebe, mas sim daquele de quem é extorquido (FOUCAULT, 1988/2009, p. 71-72).

Essa diferenciação dos moldes da confissão possui consequências importantes para se pensar que efeitos podemos observar, hoje, na atualidade. Nesse sentido, a frase de Fernando Pessoa (2018) se articulando com as idéias pensadas por Foucault (1988/2009) podem nos apontar um rastro sobre a modalidade de relação com a verdade que se experimenta hoje. Enunciamos aquilo que somos pela confissão e isso corresponde à verdade do sujeito, uma vez que aquilo que enunciamos dita a verdade do que nós somos, de nossa sexualidade confessada em seu valor de verdade, exercida através da demanda de se dizer sobre si (seja em qual instituição se dispõe o sujeito a falar de si, na igreja, no médico, na escola, etc.) no ato de confissão.

Desta forma, ressaltamos a importância desse trabalho por se propor a uma reflexão acerca do desenvolvimento do conceito de confissão ao longo da história, especialmente estudado por Michel Foucault (1988/2009), que denota sua utilização como prática de poder. Articulando com a frase de Fernando Pessoa, podemos, por fim, atualizar essa discussão, de forma a pôr em funcionamento a lógica pensada por Foucault em uma reflexão sobre a construção do ser a partir daquilo que ele enuncia de si mesmo, do que ele constrói sobre si em uma elaboração discursiva em ato.

REFERÊNCIAS

BENEVIDES, P. S. **VERDADE, LIBERDADE E SEXUALIDADE EM A VONTADE DE SABER**: Uma análise das práticas de confissão como falar de si. *Revista de Ciências Sociais*, n. 38, Abril de 2013, PP. 233-250.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Editora Graal, 2009.

PESSOA, F. **Livro do desassossego**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2018, p. 367.

SOBRE A ORGANIZADORA

Denise Pereira - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-230-2

